

DIAS, ANA ROSA FERREIRA. *O Discurso da Violência – as marcas da oralidade no jornalismo popular*. SÃO PAULO, EDUC/CORTEZ, 1996, 179p.

Marli Quadros Leite*

A leitura do livro *Discurso da violência* é não somente instrutiva mas também prazerosa. Prazerosa porque o conteúdo é extremamente relevante para aqueles que estejam interessados em entender a sociedade atual, com todos os problemas que causam os conflitos revelados na língua, e porque a análise feita por Ana Rosa é inteligente, conduzindo o leitor por caminhos que, sozinho, talvez não ousasse percorrer. Aliado a tudo isso, há o fato, importantíssimo, de a linguagem do livro ser clara e objetiva, o que nem sempre é marca de trabalhos científicos. A leitura é instrutiva em duas vertentes capitais: a do próprio desenvolvimento do conteúdo e a da revelação da metodologia de uma pesquisa desse caráter.

O livro é prefaciado por Dino Preti, que ressalta, dentre outras qualidades do trabalho, a imparcialidade da autora no tratamento do tema. A isso, podemos acrescentar o fato de, nos cinco capítulos em que a A. discorre sobre o assunto, ser perceptível o cuidado com que a obra foi preparada, estando sempre teoria e prática muito bem concatenadas.

Desde a introdução, quando comenta o processo que vivenciou até chegar, certamente, ao material que se firmou como o ideal para a pesquisa, as etapas do fazer científico vão-se revelando no discurso da A. O capítulo reservado para a descrição do material de pesquisa além de expor os procedimentos usados para a construção do trabalho, deixa clara a importância da intimidade da pesquisadora com tudo o que se refere a seu

* Universidade de São Paulo - USP.

objeto de estudo. É a própria autora quem diz serem esses dados material de apoio para conclusões a que chegará em outros momentos do trabalho. Ressalta, também, a importância do contato com o público leitor do *NP* e afirma ter sido esse contato fundamental para a compreensão de certas características do comportamento dos leitores, apenas perceptíveis numa aproximação direta (p. 36-7).

Vale esclarecer que o trabalho seria, antes de tudo, análise dos textos jornalísticos. No entanto, a A., extrapolando seu objetivo, buscou conhecer o perfil do leitor do *NP*, por compreender ser ele quem determina as escolhas do jornal. Tornou-se a A., assim, ainda mais preparada para construir o sentido dos textos do jornal *Notícias Populares (NP)*, seu objeto de estudo.

Ao apresentar as tendências da linguagem jornalística contemporânea, a A. apresenta a conceituação do que entende por jornalismo popular. Esse conceito surge da oposição estabelecida entre a linguagem de jornais que se declaram presos à norma prescritiva, como a *Folha de São Paulo (FSP)* e *O Estado de São Paulo (OESP)*, e o *Notícias Populares (NP)*. Aqueles, inclusive, têm editados manuais nos quais apresentam o que consideram lingüisticamente “certo e errado”, fato que os leva a uma situação incômoda pois, como a A. salienta, “passam essas publicações a ditar normas que se perdem em superficialidade, desconsiderando contextos jornalísticos em que ocorrem, tornando-se, portanto, praticamente inúteis” (p. 42-3). O jornalismo popular do *NP*, em contrapartida, constitui o “antimodelo” desse padrão.

É claro que, em ambos os casos, o objetivo do jornal é apresentar ao leitor uma linguagem com a qual ele se identifica. É precisamente nesse ponto que os dois tipos de jornal se identificam e se diferenciam, ao mesmo tempo. Identificam-se porque, como é óbvio, cada um tem o perfil de seu receptor e a partir dele define a linguagem do jornal. Diferenciam-se porque, enquanto a linguagem de grandes jornais, como a *FSP* e *OESP*, fica perdida em relação aos próprios parâmetros que estabelece, por desconhecimento de “leis socioculturais que presidem ao fenômeno da varia-

ção lingüística” (p. 42), como observou a A., a linguagem do jornalismo popular é menos conflituosa por optar por um padrão muito próximo ao da linguagem falada cotidianamente. Essa aproximação, como o trabalho bem o demonstra, faz-se sentir de modo mais cabal no nível lexical, mas também é significativa nos níveis morfológico, sintático e até no fonético.

Essa maior uniformidade não significa que a linguagem do jornalismo popular seja homogênea. A autora observa, com precisão, no *NP* o movimento inverso do que acontece em jornais como a *FSP* e *OESP*. Nestes percebe-se que a despeito de o jornalista tentar manter uma linguagem mais distanciada possível de expressões e estruturas típicas da língua falada, elas traem o esforço do autor e aparecem no texto. No jornalismo popular é a linguagem do jornalista, um sujeito com nível de escolaridade muito mais avançado do que o seu leitor, que, inesperadamente, pode aparecer. Isso é comprovado, no *NP*, por exemplos de regência verbal (“assistindo ao jogo”), emprego do pronome relativo cujo (“A moça – cujo nome ele não quis revelar”), emprego de lexemas próprios do registro culto (“Ela insistia em reatar o namoro”) etc.

A afirmação de Ana Rosa a respeito da presença da oralidade, marcada pelo tom coloquial do discurso do *NP*, teve como ponto de apoio o estudo das características de cada uma das modalidades lingüísticas. A partir de estudos de lingüistas, como Wallace Chafe, Douglas Biber e Deborah Tannen, Luiz Antônio Marcuschi e Dino Preti, a autora estabelece parâmetros para estudar as marcas da oralidade e sua representação no jornalismo popular. Disso conclui que “o *NP* apresenta uma linguagem que se aproxima mais do que os outros jornais da língua falada popular, talvez com o objetivo de tornar sua leitura, de certa forma, uma continuação da própria conversação do dia-a-dia (...)” (p. 61).

A exemplificação apresentada por Ana Rosa para a comprovação da tendência da linguagem do *NP* para a oralidade é farta e convincente. A autora parte do nível discursivo para caracterizar a linguagem jornalística, relacionando nove características:



1. “uma oralidade bem marcada nas manchetes e no corpo de certas notícias em que se projetam os elementos emocionais;
2. um envolvimento do redator, conduzindo a opinião do leitor, sempre com uma direção crítica, quando não agressiva;
3. uma forma de transformar as notícias em narrativa, em que não faltam, inclusive, marcadores conversacionais e frases de diálogos travados pelas pessoas envolvidas;
4. uma tendência pronunciada para o exagero, para o estilo hiperbólico;
5. certa mistura freqüente entre linguagem culta e popular (oral) ou entre linguagem popular e técnica;
6. uma preocupação de fundo metalingüístico em tornar claro o sentido dos vocábulos e expressões cultas ou técnicas mais raras;
7. um abuso das frases feitas;
8. uma exploração constante da malícia, pelo duplo sentido das manchetes, associadas a referentes da vida sexual;
9. algumas frases verbais triádicas de efeito nas manchetes.” (p.65)

Fixado o *frame* da linguagem do jornalismo popular, a A. procura mostrar como essa linguagem representa um tipo de violência. Discutindo a complexidade conceitual da palavra violência, sempre cuidadosamente apoiada em especialistas, como Michaud e Mafessoli, fica muito claro que a pesquisa visa a provar que as “imagens da violência, dado o grau de recorrência, contribuem para banalizá-la”. Ressalte-se sobre esse ponto ter a A. deixado muito claro que seu intuito não era aferir se a linguagem do *NP* leva ou não o público a atitudes mais ou menos violentas, como o tema pode, *a priori*, sugerir.

Com tal propósito, a A. analisa o discurso dos textos escolhidos, explorando como o exagero da linguagem de notícias referentes a *atos e estados de violência* relativos a problemas sociais como:

- a. “conflitos urbanos;
- b. julgamentos do mundo;
- c. ideologia sexual e
- d. luta de classes” (p.110),

também cria violência. Essa violência advém, como o texto esclarece, do fato de a linguagem da notícia ser misturada de humor, ironia e deboche, no relato da realidade, para, assim, atingir diretamente o leitor. Os fatos narrados desse modo criam a violência por romper “princípios éticos que asseguram respeito ao ser humano e ao seu sofrimento, seja ele agressor, vítima ou audiência” (p.113).

Por tudo isso, podemos afirmar que *O Discurso da violência* é um trabalho de relevo que deve ser lido não somente por especialistas em Linguística mas também por todos que tenham interesse em compreender melhor os problemas sociais.

